

Transcrição da contribuição em vídeo de

David Shorter

University of California, Los Angeles, USA

Olá! Boa noite! Boa tarde! Meu nome é Professor David Delgado Shorter. Sou professor da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e atualmente também sou editor-chefe do *American Indian Culture and Research Journal*. Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer primeiramente pelo convite. É uma verdadeira honra ser convidado.

E estou fazendo esta gravação agora da Terra Tongva. Atualmente, sou um colono em Los Angeles, que é a terra natal do povo Tongva. Gostaria de falar brevemente sobre como o *American Indian Culture and Research Journal* foi idealizado, desde o início, há mais de 50 anos, como uma revista em que poderiam ser publicadas publicações acadêmicas que, de fato, causariam impacto na sociedade em geral.

A palavra "Culture" (cultura) em nosso título tinha o objetivo de nos diferenciar das revistas acadêmicas que escrevem apenas materiais acadêmicos ou que publicam materiais acadêmicos. Queríamos garantir que as publicações da revista atingissem um público mais amplo. Portanto, você pode imaginar como foi importante quando surgiu a oportunidade de participar do avanço tecnológico do acesso aberto. É claro que lutamos para garantir que pudéssemos colocar todas as nossas edições anteriores *on-line*, mas isso já aconteceu em março deste ano, e temos um nível de engajamento de mídia social muito robusto que informa às pessoas o tipo de trabalho que estamos publicando.

Aproveitamos isso como uma oportunidade, digamos assim, para tornar a revista mais indígena, como fazemos as coisas, como avaliamos os artigos, quem conta como avaliador. Mudamos nosso conselho editorial para garantir que houvesse pessoas nativas da terra em que estamos e que também tivéssemos uma noção ampla do que poderia ser um especialista no mundo, especialmente quando se trata de anciãos tribais ou portadores de conhecimento, pessoas que talvez não tenham tido o privilégio de obter um diploma superior.

Agora, quando você junta tudo isso, o acesso aberto se torna uma parte dos meios para garantir que os materiais que estamos publicando, que historicamente em outras revistas acadêmicas foram escritos sobre os povos nativos, agora estamos nos certificando de que publicamos materiais escritos por eles, para eles e com os povos nativos. Isso é algo que faria sentido por trás de um acesso pago? Algo que está disponível apenas para pessoas que podem pagar?

Obviamente que não. Faz sentido que o acesso aberto seja o modo que utilizamos para garantir que os materiais sobre as comunidades nativas estejam de fato disponíveis para essas mesmas comunidades. Todos, digamos, têm um smartphone, mas isso não é necessariamente verdade para todas as idades. Portanto, queremos garantir que nossos materiais estejam acessíveis em

bibliotecas públicas, pessoas que talvez possam enviar uma mensagem de texto para a tia ou o irmão e dizer: "Ei, acabei de ser publicado!", e isso significa muito.

Isso significa muito para pessoas de várias etnias e nações poderem dizer: "Ei, veja como meu parente se saiu bem!". E acho que, em uma época anterior, isso era meio que isolado, pois o mundo acadêmico era diferente do mundo que você tinha com sua família ou comunidade. Então, como você pode ver, estou muito animado e feliz com essas mudanças.

Acho que é a direção que precisamos seguir para - se eu pudesse usar uma declaração bem ampla aqui - descolonizar o ensino superior. Acho que a professora Dra. Linda Tuhiwai Smith causou um grande impacto e, para nós que trabalhamos com estudos nativos, é importante que nos perguntemos como podemos tirar todo esse privilégio, toda essa produção de conhecimento, todas as formas que a extração de recursos tirou das comunidades nativas ao longo dos séculos e começar a equalizar e garantir que o acesso continue sendo incrivelmente importante e disponível para uma grande variedade de leitores.

Espero que isso ajude. Muito obrigado pela oportunidade de falar. Fique bem.